



MURILLO E CERVANTES.

O PINTOR E O POETA.

1.º

PLACENCIA é uma cidade pequena da Estremadura hespanhola; e poucas ha na peninsula onde os muros deixassem mais assignalados vestigios da sua phantasiosa architectura: ainda agora os viajantes maravilhados suspendem os passos nas ruas sinuosas, orladas de palacetes, (porque seria atrevimento chamar-lhes vulgarmente casas) para contemplar estes singulares edificios, marchetados de ornamentos, que mais parecem caprichos das fadas orientaes do que simples obras da industria humana. — E se ainda agora assim é, o que seria no meado do seculo decimo sexto! Que espectáculo offerecia então Placencia á vista dos curiosos, amantes das artes!.. Julgai que impressão faria na fervida e poetica imaginação d'um mancebo, que outra cousa não víra senão a modesta igreja da villa de Pilas e as choupanas de colmo congregadas á roda dessa igreja! Deslumbrado, absorto corria o pobre moço de portico para portico, e erguia as mãos, com ingenuas exclamações á hespanhola, invocando toda a côrte do céu. — Por Deus e a Virgem Santa (exclamava fora de si) que

Tom. IV. OUTUBRO 31. — 1840.

nada chega a isto! Ah! meu glorioso patrono Santo Estevão, nunca vi mais bella casa! Que maravilhas estas, dignas do paraiso! — E quem assim fallava, exprimindo o accesso do enthusiasmo, inspirado pela vista dos monumentos de Placencia, era um rapaz de quinze a dezeseis annos de idade, em cujas feições brilhava a varonil belleza, misturada com o trigo da pelle, caracteristica dos montanhezes na Hespanha: era alto, agil, bem talhado, e nos menores gestos mostrava a elegancia natural, filha de boa organização e d'um modo de viver activo e sobrio: vestido com o trajo engraçado dos camponeses andaluzes não trazia mais trem do que um alforge de mescla e ao que mostrava muito mal provido.

Depois que tudo correu, e viu e admirou tudo, foi sentar-se nos degraus da portaria d'um mosteiro, arreou o alforge e puxando d'um pão de centeio e duas cebolas quebrou o jejum por fazer treguas com o appetite. Já o pão estava em meio e a metade restante ia ser preza da boa vontade do mancebo, quando outro caminhante, cujo agradavel semblante não perdia com o ridiculo vestuario que trajava, vendo o desfazio do comedor não pôde reprimir uma sonora gargalhada. Irado levantou o moço os olhos para

observar quem o tratava com tão pouca cerimonia, mas a jovialidade do adventicio era tão franca e communicativa que tambem não pôde suste o riso e convidou-o boamente para participar do seu parco almoço, sob tão jucundos auspicios começado.

O outro, com seriedade um tanto comica, olhando para o naco de pão que ainda estava intacto, respondeu.— Amigo, tens excellente appetite, mas não fazeis muito caso do appetite alheio... Como hei-de eu accommodar-me com o bocado de pão que ali está, se te vejo com os olhos nelle... mas emfim... convite por convite... offereceste-me do teu pouco, justo é que eu retribua com o pouco que trago. Creio que não deixarás, apesar de adiantado no almoço, de me ajudar a consumir esta empada.— E, palavras não eram ditas, tirou do seu alforge um façanboso pastelão, de testa acereijada, que fazia crescer agua na boca: despendurou da cinta a inseparavel borracha, cheia até o bocal de vinho delicioso de Val de Penhas. Partido escrupulosamente ao meio o enorme pastel, começaram os dois companheiros a empreitada, como se ha muito se conhecessem e ha muito não tivessem comido. No fim da festa, quando mais reinava a alegria, abriu-se estrondosamente a porta do mosteiro para sahir um homem, bebado formal, a quem um frade com violencia empurrava para fóra dizendo— Fóra daqui! patife, que ousaste apresentar-te embriagado a cahir nesta casa religiosa, sem respeito á santidade do lugar, nem attenção ao importante trabalho que te confiaram! Fóra daqui! E não appareças mais diante de mim, ou teme a colera do padre Arsenio. Que hade ser, pela tua intemperança, dos aprestos para a cerimonia d'amanhã?... Mas que é isto! que fazem vossês aqui! (disse, reparando nos dois arranchados) Já os degraus da portaria servem de refeitorio a velhaquetes dessa laia!...

— Não se agonie, senhor padre, (repliou o rapaz em quanto o companheiro mais velho recolhia os sobejos do pastelão, ameaçados pelo pé do frade) não se agonie. Mal cuidavamos nós que os religiosos, que pregam a virtude da caridade, tomariam em conta de crime o vir aqui sentar-nos para comer-mos um pouco mais á larga?—

— Fallas bem atrevidamente... — tornou o frade, cujo agastamento se desvanecia em presença da galhardia e viveza do rapaz montanhez.— Como te chamas?... — Estevão, um seu criado; e o senhor padre como se chama?... — A esta pergunta familiar o frade olhou para o moço com modos d'espanto, e respondeu depois de breve hesitação, como se estivesse a pontos de proferir outro nome.— Chamo-me Fr. Arsenio. Mas tu disseste-me só o nome da pia; e o da tua familia? — Isso é segredo — E porque? — Porque fugi de casa de meu pai; e se vos eu dissesse o meu nome por inteiro podia ser que mandasseis atraz de mim quem me agarrasse. — Fugir da casa paterna!... É muito mau... que motivo te levou a tão criminosa acção?... — O desejo de ver o grande mestre pintor, Velasques, e d'entrar no rol dos seus discipulos. — Pois tambem tu és pintor? — perguntou o frade sorrindo-se. — Sim, senhor, (repliou o moço escandalizado daquelle riso ironico) sim, senhor, tambem sou pintor, e discipulo de meu tio, João del Castello. Se este honrado parente não fallecesse, ainda eu seria feliz, e não andaria agora a correr montes e valles em demanda d'outro mestre. Meu tio tinha-me levado para sua casa e ensinado a sua arte; quando elle morreu, tive de voltar para meu pai, que estava segunda vez casado, havia tres annos, com a mulher mais avarenta e desapiadada d'ambas as Hespanhas... Quiz a minha ma-

drasta por-me ao officio de çapateiro, sem lhe importar com a minha vocação de pintor, nem com as minhas lagrimas e desespero. Meu pai, ainda que era bondoso, condescendente com ella, seguiu-lhe os conselhos, e metteu-me á força na nova aprendizagem... Mas dahi a dois dias já eu viajava livre, como boi solto, alegre, e a passos de gigante para ir mais depressa ter com o afamado Velasques. —

— Veio-me a curiosidade de experimentar o teu talento; (disse o padre, a quem a palra do moço não desagradou) exactamente nesta occasião preciso bem d'um pintor, que substitua o borracho, que puz agora no andar da rua... se me contentares, se souberes pintar brazões e alguns ornatos, ganharás uma peça em ouro... Faz-te, ou não, conta?... — Olá! se faz!... uma peça d'ouro!... Com ella terei meios de supprir o resto da jornada; e confesso-lhe que os ultimos maravedis que tinha me serviram esta manha para o pão, que havia ser todo o meu almoço, se não fosse este senhor honrado que partiu comigo o seu pastel e aquelle famoso vinho de Val de Penhas: e por isso, meu padre, se me dá licença, será elle meu socio na obra; moerá as tintas e cobrará metade da paga, que V. Reverencia-me der. —

— Poz o frade os olhos no companheiro d'Estevão, e disse-lhe: — Se me não engano, mancebo, trajas á moda dos captivos resgatados pelos padres da SS.^{ma} Trindade. — É verdade que chego d'Argel, onde soffri por tres annos justos os padecimentos do captivo: fez-me Deus a graça de pôr termo a tamanha miseria; e eis-me aqui livre e restituído á nobre terra d'Hespanha. — Que occupação era a tua antes de cahir em mãos de mouros?... — Soldado. — Visto isso, voltas ao serviço? — Não posso: um tiro de mosquete fracturou-me este braço; impossivel me é manejar as armas. — Então que hade ser de ti... que profissão intentas abraçar?... — A de poeta e romancista... — Poeta e romancista!... Santo nome de Jesus! Só vossês ambos compoem uma companhia de artistas!... Pois bem; em quanto o teu companheiro pintar os brazões, irás tu compondo os disticos e mottos para os mesmos, e terás, como elle, uma peça em ouro... Apraz-te o ajuste?... — Sim, senhor; acceito. — Pois então, mestres, mãos á obra... entrar e trabalhar com fervor, que tudo deve estar prompto para amanha ao meio dia. —

Dito isto, o padre guiou Estevão e seu companheiro ao côro da igreja, onde todos os preparativos annunciavam umas exequias solemnes: estavam já dispostas ricas armações pretas, pendentes dos capitais das columnas e apanhadas de distancia em distancia com florões de prata, collocados os innumeraveis tocheiros e candelabros com brandões de cera amarella, e no meio do côro erguida uma eça coberta com pannos recamados d'ouro, e de subido custo. Ao passo que os dois aventureiros contemplavam com pasmo o apparatus funebre; o padre dava mostras de comprazer-se naquella pompa, como um auctor, que assiste ao ensaio de um drama de sua invenção, prompto a subir á scena.

— A que cerimonia funeral se encaminham todos estes apprestos? — perguntou o companheiro d'Estevão. — Ás exequias de Carlos 5.^o — respondeu com emphase o frade. — É possivel!... Morreu o imperador!... Apagou-se o clarão desse talento, dos mais vastos que brilharam no mundo?... Desculpai-me, padre; apenas ha dois dias na Europa ignorava ainda tão fatal acontecimento. E morreu Carlos 5.^o! Perdeu a Hespanha quem tanto a engrandecêra, tamanha gloria lhe déra! —

— Tranquillisa-te, mancebo, Carlos ainda não deu a alma a Deus; morreu só para o mundo: desgosto-

so da grandeza e poderio, desabusado da gloria, largou o throno, arremeçou o sceptro imperial, e cingiu a cabeça de seu filho com a corôa, que na sua pesava. —

— Meu padre, por certo que zombais de mim: nunca o imperador Carlos 5.^o cabiria em semelhante erro! Mui bem sabia elle ler no coração dos outros homens, para assim desconhecer o proprio coração. Carlos, sem dominio, sem throno, sem ter o mundo para governar a um simples aceno, seria um corpo sem vida! E a que se reduziria essa intelligencia vigorosa, essa vontade potente se a condemnassem á inacção?... Torno a dizer-vos-lo, zombais de mim, meu padre... —

— Mas o que eu te digo é verdade... Carlos 5.^o arrojou de si o poder imperial; despediu-se de Madrid; foi refugiar-se n'um convento; tomou o burel religioso, e para de todo quebrar com o mundo e suas lastimosas vaidades, ámanhã, aqui neste templo de São Justo, celebrar-se-hão as exequias del-le... não mais se curará de Carlos 5.^o... só ficará na historia um nome vão, e neste mosteiro um corpo cansado de soffrimentos, um corpo que já pertence aos vermes do sepulchro, e que encerra uma alma, impaciente por que chegue a hora em que Deus a chame a si. —

— Não posso duvidar já da verdade das vossas palavras... Que triste exemplo do nada humano e da fraqueza da nossa intelligencia!... Quem havia prever tão inesperado successo!... Carlos 5.^o endoudecer!... —

— O frade fez-se branco de colera e travou do braço do mancebo com violencia. — Que dizes, louquinho?... Carlos goza do perfeito uso da sua razão. —

— Não, meu padre, perdoe... não é possível. Se a mão de Deus não pesasse sobre a cabeça do imperador; se elle conservasse o uso da razão, como dizeis, não iria expor-se ao escarneo da Europa, do mundo inteiro! Se queria dedicar á religião o resto da vida, e cuidar da sua salvação, não podia fazê-lo sem despojar-se da corôa?... Quero pensar que a sua abdicção não é acto e prova cabal de loucura; mas esses funeraes anticipados, esse ridiculo ceremonial d'amanhã não demonstram sobejamente a demencia de Carlos?... E hade acabar assim homem tão illustre! Não devia imitar até o fim Carlos-Magno, de quem se mostrou emulo, de quem cingiu a corôa? —

— Facil era ver que as expressões do mancebo ao mesmo tempo lisongeavam e offendiam o padre; porque ora este enrugava a testa, ora com um sorriso se lhe desassombrava o rosto. — Não é tão cerrada a tua barba, poeta novato, que te caiba o direito de julgar as acções de Carlos 5.^o... Enceta a obra e compõe as divisas, que te encommendei, e o teu companheiro que pinte os escudos com as armas de Carlos 5.^o: neste livro as acharás todas, Estevão; nenhum te esqueça dos brazões e titulos de Carlos, imperador da Alemanha, monarcha d'Hespanha e das Indias, rei dos Paizes-baixos, imperador dos romanos, soberano da Lombardia, &c. &c. — Á tarde voltarei a certificar-me se ambos merecem a confiança, que lhes testemunho. —

O religioso se retirou; e o pintor e o poeta começaram as suas respectivas tarefas.

2.^o

Passada uma hora, o companheiro d'Estevão, que insensivelmente se engolphára em profunda meditação, sentiu uma pesada mão que lhe afferrava o hombro esquerdo; estremeceu e voltou a cabeça; era o padre, que com a sua habitual impaciencia não poderia esperar pela tarde para ver o resultado do tra-

balho dos seus protegidos. — Então, meu poeta, os letreiros estão acabados?... — Não, padre; não pude fazer obra; o pensamento de que renunciára Carlos 5.^o a corôa e ámanhã hade representar aqui uma comedia, indigna do seu character, entristeceu-me e preoccupa-me nimamente, de forma que não me é possível escuadrinhar e achar uma rima... — Mui severamente condemnas Carlos 5.^o, investivando com o ridiculo nome de comedia a prova mais completa e profunda que elle vai dar do aborrecimento e desprezo da gloria e das cousas mundanas... Depois da abdicção de Carlos, pode haver mais grave e solemne espectáculo que o de ámanhã?... — Tendes razão... mas sempre é um *espectaculo*, como por vossa propria boca confessais; e se o imperador não tivesse pesar ou arrependimento da sua obscuridade, não lhe viria á cabeça *apparecer em espectáculo*... Pelo menos se pertendia por força que lhe cantassem em vida o officio dos defuntos, não precisava fazê-lo com tamanha pompa, nem que a esse fim aqui viesse de proposito toda a côrte de Madrid. —

O padre passeava a passos largos, descontente, agitado e pensativo; até que a dor de gotta que lhe atacou o pé esquerdo o obrigou a sentar-se; então com um signal chamou o pintor e lhe disse. — O teu companheiro, que se inculcou poeta, não pôde ainda escrever um verso; vejamos se tu, como pintor que dizes ser, fizeste cousa que preste... Dar-se-ha que te gabasses, como aquelle, do talento que não possues?... —

Finalmente se chegou Estevão com um dos escudos na mão; ao lançar os olhos á pintura a frente do padre se desenrugou. — Está muito bom... muito bom (disse para Estevão)... nem Ticiano, nem Velasques o fariam de certo melhor na tua idade. Em vez d'uma peça em ouro, quero dar-te dez, para que não sintas os frios apertos da miseria, que gelam o talento e o suffocam... Mas que faz o poeta, que escreve tão ligeiro nas folhas da carteira, quando, ainda não ha um minuto, não podia esboçar um só distico ou motto dos que lhe pedi. —

— É uma satyra (respondeu o escriptor) acerca da cerimonia d'amanhã. —

— Vejamos a satyra; lê-a.

O poeta aquecido pelo calor do estro aproximou-se ao frade, e leu-lhe os versos com vivacidade e graça: era uma composição engenhosa, mordaz, brilhante, mas acre. Placidamente o escutou o frade até ao cabo; e ora a approvava certas passagens, ora censurava outras, e por duas ou tres vezes carregou as sobancelhas em signal de descontentamento.

— Merecem esses versos [disse] elogios como obra poetica; e fóra de duvida és auctor de talento... Dai-me porem agora provas de animoso e leal... Terias escripto esses versos quando Carlos 5.^o ainda reinava?... Não é isso, como narra a fabula, dar o pontapé no leão moribundo? —

O poeta rasgou as folhas escriptas, e arremeçou os fragmentos, que voaram dispersos.

— Bom! essa acção nos reconcilia. Mas é chegada a hora de vespuras; estão acabadas as pinturas; não podemos aqui demorar-nos mais tempo. Ide accommodar-vos n'uma das pousadas da villa, e ámanhã comparecei á solemnidade funebre. Estevão julgará então melhor do effeito da sua obra, e habilitar-se-ha para algum dia compor um quadro da scena magestosa e terrivel, que presenciareis. Finda a cerimonia faço tenção de dar cartas de recommendação a ambos, a Estevão para o mestre Velasques, e a ti, mancebo, para Philippe 2.^o —

— Para o rei Philippe 2.^o!... E o padre conhece-o?... —

— Se o conheço! . . . Muito e muito; e conto gozar para com elle de algum credito: antigamente fazia elle quanto eu queria. . . Boas tardes: Deus os acompanhe. —

O pintor e o poeta obedeceram á intimação comprehendida nestas ultimas palavras e encaminhavam-se para a porta do claustro; mas depois de fallarem baixo um com o outro, voltou-se Estevão para o padre, que ainda contemplava com certa satisfação as armações e a eça — Senhor padre. . . — ia a dizer-lhe. . . — O que queres? Falla, e avia-te; porque sinto a communitade que vem a vespas. — Receamos que não queiram fiar-nos alguma cousa na pousada. E se pudesse dispensar a peça d'ouro que me prometteu em recompensa das pinturas. . . — Não foi uma, foram dez. . . — E o religioso basculhou as algibeiras, e só achou umas tres *pezetas*: riu-se com a descoberta, e disse para os dois — Tomem que é quanto hoje possuo; os gastos das exequias me tem dado cresta á bolsa; mas ámanhã heide receber um quartel d'uma pensão de vinte mil pezos, solverei a divida, acabado o officio de defuntos. Esperem então por mim na igreja. —

Como os frades neste intervallo iam chegando, e tomando assento nas cadeiras do côro, fr. Arsenio se lhes foi ajuntar a toda a pressa, abandonando os seus protegidos, que largaram a rir olhando um para o outro.

— O padre digno [disse o mais velho] promette-nos ouro ás mãos cheias, e não tem no peculio com que pague a cama e a ceia de dois pobres artistas, como nós. Embora; resta-nos a codea do pastelão para cear-mos; esse dinheiro basta para reforçar a borraça; e os degraus da portaria, que nos serviram de meza ao almoço, nos darão cama por esta noite, que promette estar amena. E deste modo ámanhã estaremos lesto para ser os primeiros a assistir á pompa funebre que tanto inquieta aquelle fra. —

3.º

Era alto dia, quando os dois amigos acordaram; e por mais tempo o somno pesado lhes cerraria as palpebras, se não fosse o estrondo que fizeram as portas da igreja, gemendo nos gonzos e abrindo-se de par em par. Já os brandões scintillavam accesos, e os frades, com as vestes sacerdotaes, só esperavam pela côrte para dar principio á solemnidade. Estevão e o seu companheiro deram-se pressa a entrar na igreja para occuparem commodamente um canto escuro da nave, donde podessem ver bem, sem serem vistos.

— Quando o tropel da gente entulhar a igreja, ninguem dará fé de nós [disse o pintor] e eu poderei aqui á vontade desenhar um bosquejo deste espectáculo curioso. É uma boa fortuna que o acaso nos deparou e de que muito folgo. Vamos ver o rei, todos os magnates e damas da côrte, e Carlos 5.º, sobre tudo Carlos 5.º! . . . Quanto me tarda já poder de meu vagar contemplar aquella fronte espaçosa e forte, donde sahiram tantos pensamentos, que abalarão o mundo! . . . Onde se porá elle durante a singular cerimonia do seu funeral? . . . Qual será a sua attitudo e presença neste acto? . . . Mas já os frades vão para o côro, e só nós estamos na igreja! . . . Que é do rei, da côrte e de toda essa multidão de povo, de que hontem nos fallou fr. Arsenio, nosso amo? . . . E o caso é que o officio funebre começa. . . lá sobem os padres ao altar, e os cantores entoam o introito. —

Com effeito, principiou-se a missa de defuntos, e durante ella toda a nave esteve deserta. Ninguem veio occupar o throno regio destinado, no logar do

estilo, para Filippe 2.º; ninguem tomou os assentos magnificos, adereçados de proposito para os grandes e senhoras da côrte. Não se lembrára o filho de que seu pai lhe pedira orações piedosas, nem os cortesãos de que o imperador, cujo bom agrado tanto d'antes sollicitavam, os chamára naquelle acto melancholico para junto de sua pessoa! Tinha uma certa sublimidade, um terrivel não sei que, aquella profunda solidão, aquelle ingrato abandono, aquelle esquecimento de todo o respeito, de toda a piedade para com quem tinha sido Carlos 5.º

Finalmente, terminado o officio, Estevão e seu amigo, segundo a convenção da vespera, deixaram-se ficar no templo á espera de fr. Arsenio. Tinham-se retirado os padres e acolytos do altar e a communitade do côro, eis que os dois mancebos ouviram suspiros que sahiam da eça, agitou-se o panno mortuorio, levantado por mão tremula, e cahiu, ficando patente um rosto pallido e contrahido por uma expressão de dor e ao mesmo tempo temerosa. . . Era o padre, que hontem ordenava os preparativos do officio de defuntos; mas divisava-se-lhe uma certa magestade, que suspendeu os dois mancebos penetrados de assombro e respeito.

— Ninguem! [exclamou o padre, que figurava um resuscitado] ninguem! Nem um só se lembrou do imperador Carlos 5.º! Ó horrivel nada das grandezas humanas! Deus meu! Ó meu Deus! Abbreviai as fataes e duras provas: chamai-me á vossa adoravel presença! — E acabando de desembarçar-se do involucro lugubre, sahiu da eça, prostrou-se ante o altar e orou fervorosamente com lagrimas e soluços.

No entanto nem o pintor nem o poeta ousavam approximar-se ao religioso; porque já conheciam quem era; achavam-se com Carlos 5.º Levantou-se este depois de dilatada oração, e lançando a vista ao redor de si descortinou Estevão e seu companheiro; fez-lhe signal para se chegarem, e ambos obedecendo tremulos ajoelharam aos pés do imperador, que lhe estendeu a mão e os mandou erguer.

— Não me tributeis essas demonstrações de respeito; bem vedes, meus filhos, que, para o mundo como para Deus, já não sou senão fr. Arsenio; nem já de mim ha essa lembrança vaga, outorgada aos mortos, e que lhes rende preces pelo eterno repouso de suas almas! . . . Estevão, toma este relógio, unica joia que me resta de minhas antigas riquezas. . . o thesoureiro de Filippe 2.º ainda não pagou o quartel da minha penção, vencido ha quinze dias; não tem um punhado de *pezos duros* para me dar! . . . Porem eu vou escrever a Velasques a teu favor e rogar-lhe que te admitta ao numero de seus alumnos. Diz-me agora o teu nome todo; devo sabe-lo para o mandar a Velasques. Não tens que temer traição minha. —

— Não me envergonheis mais, senhor; chamo-me Estevão Murillo. —

— E tu, meu litterato, em que te poderei ser util? . . . O meu credito é nullo na côrte, como acabaste de ver; e a minha recommendação, em vez de aproveitar-te, te acarretaria dissabores e perseguições, como as que lá promovem ao padre Bartholomeu, que fôra meu confessor. É verdade; o imperador Carlos e fr. Arsenio nem por isso parecem muito orthodoxos á inquisição e a Filippe 2.º

— Senhor; [respondeu o mancebo] só duas graças tenho a pedir-vos, que bastam para me encher de satisfação e de orgulho. —

— Falla, que eu t'as concedo. —

— A primeira é o perdão das insensatas palavras que hontem em vossa real presença proferi. —

— Nem dellas já me lembro. . . —

— A segunda, a permissão de tocar com meus labios essa mão gloriosa. —

— Vem a meus braços [lhe disse Carlos com visível commoção d'alma]. Soldado e poeta, és digno do abraço do imperador! . . Adeus, filhos, ide encetar no mundo a vossa carreira: oxalá que as artes e as letras vos deparem mais grata e menos dolorosa gloria do que essa que me custou a supportar sentado no throno imperial! Adeus. . . Pego-vos que vos lembreis algumas vezes de fr. Arsenio. —

— Nunca esquecerá este dia a Miguel Cervantes!
— bradou o poeta, beijando a mão do imperador;

Estevão Murillo o imitou; e Carlos 5.^o estendendo a dextra sobre as cabeças d'ambos lhes deitou a benção; limpou com o grosso panno da manga algumas lagrimas que lhe despontavam nos olhos, e tomou o caminho da sua cella.

Os dois companheiros partiram em seguida para a côrte de Madrid: Murillo, aproveitando as lições de Velasques, veio a ser um dos pintores mais insignes e fecundos da eschola hespanhola; e Cervantes, tomando por guia unica o seu pasmoso engenho, compoz os immortaes livros de *D. Quixote*, e morreu pobre e sem premio da patria, a quem na milicia e com a penna servíra.



ALEXANDRIA NO EGYPTO.

ALEXANDRIA, capital do Egypto Inferior, e antiga côrte dos Ptolomeus, tomou o nome do seu fundador, Alexandre Magno, ainda que hoje no Levante é conhecida pelo nome arabe de *Iskanderieh*. Tendo o conquistador grego submittido ao seu dominio o Egypto, e vendo a formosa situação daquella parte do Mediterraneo, resolveu-se a fundar uma grande cidade, que fosse a capital do seu imperio e o centro do commercio de todo o mundo então conhecido. Bem sabido é que até a expedição de Vasco da Gama á India pelo cabo de Boa-Esperança, todo o commercio entre o mundo oriental e occidental se fazia pelo mar-roxo (1): e em todo o Egypto não havia posição mais vantajosa para um emporio que a de Alexandria, defronte da ilha de Pharos (2), onde esteve o celebrado pharol, uma das sete maravilhas. O porto de Damietta na boca de leste e o de Rosetta na de oeste do Nilo, teem um grande banco

(1) Sobre a antiga comunicação entre a India e a Europa através do Egypto, hoje resuscitada, acharão os leitores ampla noticia a pag. 361 e seg. do 3.^o vol.

(2) Vid. a gravura do pharol d'Alexandria e o artigo correspondente a pag. 60 do 3.^o vol.

d'area, são de entrada difficilissima, e em ambos ha sempre violenta ressaca: porem em Alexandria não ha esses inconvenientes, com a vantagem de ter cinco portos, tres pequenos e dois mui amplos, de muitissimo fundo e bom ancoradouro.

A prematura morte de Alexandre foi causa da desmembração do seu vasto imperio, partido entre os seus generaes; o Egypto coube a Ptolomeu, e sob a dynastia deste chegou Alexandria ao maior auge de esplendor. A cidade antiga estava fundada mais pela terra dentro do que a moderna, e continuou assim em quanto Pharos era ilha, mas depois ficou esta unida ao continente, em parte por meios artificiaes e talvez mais por causas naturaes. Desde esta junção tem a fórmula da letra *T*, em cujo pé jaz a nova povoação, formando dois grandes portos, um de cada lado.

Nem só pelo commercio e navegação teve a capital do Egypto fama na antiguidade, mas tambem pelas letras e artes. A eschola de Alexandria, tão famosa nos annaes das sciencias, foi o resultado da bibliotheca alli fundada por Ptolomeu Philadelpho, que dizem continha 400;000 volumes, alem de ou-

tra no templo de Jupiter que encerrava 300:000: os alumnos desta universidade foram celebres, e de muitos ainda possuimos escriptos. Em Alexandria, no anno de 285 antes de Christo, foi traduzida em grego a *biblia sacra* por setenta interpretes, donde veio chamar-se a versão a dos setenta; posto que S. Justino, o Apologista, diz que os traductores foram 72. O incendio e destruição da bibliotheca de Philadelpho, perda irreparavel para as sciencias e litteratura, se attribue geralmente ao califa Omar: porem já em 391, (3) perto de cinco seculos antes que os mahometanos conquistassem o Egypto, tinha feito a devastação o imperador Theodosio, quando mandou arrazar os templos pagãos, sem isenção do de Serapis, onde estavam a esse tempo juntos os volumes da famosa livraria; e o historiador Orosio que visitou as ruinas deste em 395 testifica ter visto ainda existentes estantes vazias: provavel é que os turcos em 868 acabassem de destruir os codices que em outras partes tivessem escapado.

Dos edificios contemporaneos do esplendor d'Alexandria existem como specimens o obelisco chamado de Cleopatra e a columna de Pompêu (4). Tendo Omar fundado o Cairo, e estabelecido ahi a sua capital, deixou em abandono Alexandria, que não obstante isso continuou por alguns seculos a ser frequentada dos venezianos, como armazem dos productos mercantis da India, com uma população de 10:000 almas, e estando já entupido o canal, que, desde o dominio dos avós de Cleopatra até a queda do imperio romano, abria a comunicação com o Nilo. Por meio d'elle e d'outros mais acima do Cairo foi por consideravel tempo Alexandria o deposito principal dos generos e fazendas da Asia e Europa, como em eras muito remotas o tinha sido a famigerada Tyro (5). A principio fazia-se este commercio em barcos de Myos-Hormos e Berenice, que navegavam pelo mar-vermelho, tocando em todos os portos da costa da Arabia até chegar ao cabo Rosalgate, e d'aqui em breve viagem communicavam com o rio Indo e estendia-se o trato por toda a India e ilhas asiaticas. Tal era a carreira do commercio durante a dynastia dos Ptolomeus; mas oitenta annos depois de junto o Egypto ao imperio romano, um piloto, chamado Hypalo, o Vasco da Gama daquelle seculo, deixando as costas da Asia e Africa, fez seu rumo pelo mar alto, e navegando constantemente a leste chegou á costa do Malabar, sendo o primeiro que atravessou o oceano indico: satisfeito do seu descobrimento tomou carregação de generos da India e voltou ao Egypto a salvamento. Esta viagem d'Hypalo foi considerada de tanta importancia que o seu nome foi venerado naquelle seculo. Se a alguém parecer indifferente esta expedição, advertir-lhe-hemos que a costa da India era totalmente desconhecida, que Hypalo não tinha bussola para dirigir a derrota, e que a construcção dos navios era em seu tempo tão tósca que difficilmente resistiam aos ventos, pelo que nem nas paragens do mar mais conhecidas se atreviam os antigos a perder a terra

(3) Antes disso tinha sido queimada a principal bibliotheca, durante o cerco da cidade por Julio Cesar, com fogo lançado da armada sobre a cidade: como escreveram Seneca, e Paulo Orosio no liv. 6.º — Diz-se que os livros do templo de Serapis tambem por essa occasião arderam, o que é controverso: mas se tal aconteceu foi essa livraria depois restaurada, para de todo a acabar o furor de Theodosio, que alguns chamam *grande*.

(4) A estampa da columna de Pompeu achar-se-ha a pag. 165 do presente vol.

(5) Demos a vista do campo onde foi Tyro a pag. 253 deste mesmo vol.

de vista (6). Desde então começaram as flotilhas do Egypto a ir em direitura ás costas da India com uma monção e voltar com a outra; porque o vento periodico sopra por seis mezes d'um ponto e por outros seis mezes do ponto opposto.

Alem do importante commercio que do oriente para o occidente se fazia em sedas, especiarias, pedras preciosas, incenso e outros aromas e varias fazendas mais daquellas regiões, veio o Egypto a ser o celleiro do imperio romano, supprindo com trigos não só a Italia, mas tambem a Grecia, quando a côrte imperial se trasladou para Constantinopola.

Todo o espaço que occupava a antiga cidade é agora campo, porque a nova Alexandria está reduzida á lingua de terra, que separa os dois portos, velho e novo; o primeiro, ao occidente ou da banda d'Africa é o melhor e mais espaçoso, com fundo de sete a dez braças: não era permittida a navios de christãos a entrada nelle, porem o actual pachá, Mehemet Ali, levantou a prohibição ha annos a esta parte. O porto novo fica da parte oriental da cidade para o lado da Asia: á entrada está o local do celebrado pharol: ha nelle muito fundo, porem o logar proprio para fundear está muito reduzido, alem de ser exposto aos ventos rijos do norte.

Com a missão civilisadora do actual soberano, porque Mehemet Ali em realidade o é do Egypto, a cidade tem prosperado no seculo presente, sobre tudo ha doze annos para cá, chegando agora a sua população a mais de 25:000 almas, segundo as recentes informações, contribuindo muito para isso o novo canal de Rumanieh que o pachá mandou abrir de Alexandria para o Cairo. O principal objecto de exportação é o algodão, seguindo-se depois o trigo, que é levado para alguns portos da Grecia e para Veneza.

Alexandria merece hoje a attenção da Europa, não só como renovada escala do Oriente, mas porque na collisão entre as duas grandes potencias, França e Inglaterra, tem estado nas circumstancias de ser theatro de notaveis acontecimentos. O governo britannico, cioso da influencia franceza no levante, e querendo manter a sua preponderancia nos conselhos do sultão, e assegurar o seu commercio no mediterraneo, trabalha por obstar ao engrandecimento de Mehemet Ali, e á desmembração dos dominios da Porta. Mehemet conquistou a Syria, e procura por todos os meios conserva-la debaixo do seu poder: á Inglaterra convem que esta provincia montanhosa, e em grande parte esteril e deserta, seja restituida ao imperador ottomano; taes os pretextos da guerra que d'um dia para o outro podêmos ver imminente, se as combinações politicas, ou talvez o mero acaso, mais poderoso ás vezes que os calculos humanos, a não afastar. Observâmos que a Russia se declarava nesta luta alliada da Graã-Bretanha, cujas possessões asiaticas tanto inveja e deseja occupar ou coarctar, e que igualmente apparecia protegendo a Turquia, cujos dominios tem por muitas occasiões invadido, ganhando sempre novos territorios á custa do patrimonio do sultão. Confessâmos que estes mysterios diplomaticos são mui superiores á nossa acanhada comprehensão.

ABUNDANCIA DE MINAS EM PORTUGAL.

VEM appensa ao autographo da 2.^a parte da *Monarchia Lusitana* uma carta de Fr. Bernardo de Brito, escripta em 1606, para um senhor deste rei-

(6) Sobre a navegação primitiva consulte-se o artigo inserto a pag. 289 do 2.º vol.

no [que lhe mandou perguntar algumas duvidas ácerca das materias que se tratam na 1.^a parte da mesma obra] em que o auctor se defende de certas accusações que seus emulos lhe faziam, sendo uma das principaes querer persuadir aos portuguezes que havia dentro na Lusitania grande copia de minas de ouro e prata. Não chegou o chronista-mor a responder neste opusculo a todas as accusações; mas do que deixou escripto em relação áquella pareceu-nos conveniente lançar aqui um extracto para conhecimento dos nossos leitores, que já terão noticia do que a respeito das minas deste reino escreveu posteriormente o chronista-mor Fr. Francisco Brandão na 5.^a parte da Monarchia Lusitana, e nós inserimos a pag. 150 deste volume.

É pois de saber, diz Fr. Bernardo de Brito, que uma das cousas que fez o nome de Hespanha celebre no mundo, e que trouxe tantas nações á sua conquista, foi a grande copia de minas de ouro e prata que em si encerra, em que tem tanta fertilidade que mui poucas provincias do mundo a ignoram, fazendo ella conhecida vantagem ás que se tem por mui ricas. Plinio affirma, como pessoa que teve officios em Hespanha, que não ha ahí montes estereis, e incapazes por sua sequidão de dar fructo, a que não sirvam de entranhas ricas minas de ouro e prata; e era tal o rendimento dellas, que só em Portugal, Galliza e Asturias, se tirava cada anno em barras de ouro vinte mil pezos, que vem a ser, conforme a computação que faz Ambrosio de Morales, trinta mil marcos do nosso pezo ordinario; e muitas vezes se tiravam das minas pedaços de ouro tão fino e apurado que era escusada fundição mais que a da propria natureza, alguns dos quaes passavam de dez arrateis de pezo: nos rios se colhia entre as aréas infinita copia de ouro, que se tinha em Roma pelo mais puro, e de maiores quilates. Contam Strabo, Polibio, Diodoro Siculo, Tito Livio, Josepho e outros tantas particularidades da riqueza d'Hespanha, e Justino nas abbreviações de Trogo Pompeio, que me parece cousa indigna de homem lido em antiguidades referir as palavras de cada um em materias de tão pouca duvida, pois vemos hoje os vestigios claros das minas em muitas partes de Hespanha, e em particular neste reino, como são as de Vallongo, as que ha junto ao rio Mondego, Alva, Ceira, e de uma e outra parte do Minho; e ainda o Lima conta Silio Italico ser um dos que correm sobre aréas de ouro, sem tirar sua prerogativa ao Tejo, tão celebrado pelo rico thesouro que encerra entre suas aréas; e não ha rio que desça das quebradas da Serra da Estrella, cujas margens não estejam cercadas de minas de ouro e prata; donde a continuação da corrente, quando é mais forçosa pelas correntes do inverno, vai quebrando quantidade de terra, e com ella pedaços das minas, que desfaz e converte nas aréas de ouro, que se apanham na corrente de cada um delles, tão puras já e refinadas, que mettendo-as no fogo fazem mui pequena quebra, como eu experimentei algumas vezes em um relicario que mandei fazer deste ouro, e depois em uma cruz de maior pezo, cujo ouro se colheu todo no rio Alva, em que mandei engastar as pedras preciosas que se criam na nossa Lusitania, que para os duvidosos em materia tão clara, como é haver entre nós ouro, será de maior espanto fallar-lhe em pedraria, e dizer-lhe que em Bellas junto a Lisboa ha grande copia de jacintos de maior dureza que os orientaes, inda que menos abertos na côr; e que em Bucellas e outras partes ha ametistas mui finas, inda que mais claras e abertas na côr que as do Perú: que temos junto ao Crato cristal mais vivo, de maior dureza, e

mais quilates que o da India e Allemanha; e entre elle se acham alguns pedaços de topazio, que a ter mais dureza lhe não faziam vantagem os que vem de Ceylão: parecer-lhe-hiam fabulas as turquezas de Bragança, de que ha tanta copia, entre as quaes se acham ás vezes pedaços tão verdes e transparentes que bem se podem trazer por esmeraldas; e eu vi já enganarem-se lapidarios com ellas, tendo-as por pedras nascidas no Perú. As granates do Algarve, e outras pedras como robacas, que se no tempo de agora não são de muito preço, uão se lhe pôde negar todavia sua fineza, e serem contadas entre as preciosas. Fóra destas ha outras, que para edificios e obras grandes foram muito estimadas dos antigos, como é o alabastro finissimo que se tira em Estremoz; o jaspe de Setubal e do Algarve; os porfidios de Cintra; a lioz de trigachem, que por sua multidão e grande copia não estimamos entre nós tanto como os antigos estimaram. Minas de prata ha em varios montes de Portugal, tanta que se os reis permitissem beneficiarem-se, houvera em Hespanha maior copia que em toda outra parte do mundo; e o vimos bem na mina que se achou na Serra da Estrella ha poucos annos, que elrei mandou cegar, a qual segundo sua grandeza era bastante a enriquecer muitos reinos: outra perto de N. S.^a da Lapa, que descobriu um homem que veio do Perú, a quem Sua Magestade fez mercê, e mandou com cargo para as Filipinas; e tinha tão grande proveito que poucas se viram de tanto rendimento, como se experimentou do ensaio, e se viu que a escoria era cobre mui fino, donde se seguiam dois proveitos. Finalmente ha disto tanta copia que para quem busca cousas curiosas, e trata antiguidades, fica sendo de pouca reputação e importancia o entendimento que duvida nellas, e muito mais o que repara nas causas por que os reis de Hespanha buscam com tanto trabalho de seus vassallos a riqueza que tem das portas a dentro, não vendo que se elles consentiram beneficiarem-se as minas que ha no reino, ninguem se aventurava a descobrir novos mundos, attrahidos do interesse, e assim não foram elles senhores de tantos reinos como por esta causa conquistaram; alem disto cessára um proveito tão grande como da fé de Christo, que se préga aos barbaros em varjos climas e reinos do mundo, onde não chegaram os hespanhoes se o interesse das riquezas faltára, e se as tiveram a menos custo seu dentro na terra em que nasceram.

CURIOSO FUNERAL D'ELREI DE SIÃO.

GRANDISSIMA foi a dôr e o sentimento que todos os grandes do reino mostraram pelo seu bom rei, que diante de si viam morto, e infinitas lagrimas que por isso derramaram; porem depois que uma cousa e outra fez termo, se ajuntaram todos os sacerdotes daquella cidade, que, segundo se disse, eram vinte mil; e tratando os principaes do reino do enterramento daquelle corpo, e das ceremonias com que se haviam de fazer as suas exequias, se ordenou que fosse logo queimado, antes que a peçonha de que morrera lhe causasse algum mau cheiro, porque se o viesse a ter não podia a sua alma por nenhum modo ser salva, conforme ao que sobre isso era escripto: pelo que se fez logo ajuntar com muita pressa uma grande fogueira de sandalo, aguila, alambre, e beijoim, e se lhe poz o fogo com outra nova cerimonia, aonde o corpo do defunto foi queimado com um lamentavel pranto de todo o povo, e a cinza delles foi mettida em uma caixa de prata, e a embar-

cação em uma rica laulé, que se dizia a *Cabisonla*, a qual levavam á toa quarenta serós equipados de talagrepos, que são as supremas dignidades do seu gentilico sacerdocio; e afora isto ia acompanhado de uma grande multidão de embarcações em que ia infinita gente, e detraz de todas ellas iam cem barcaças grandes carregadas de diversas figuras de idolos em vultos de cobras, lagartos, leões, tigres, sapos, serpentes, morcegos, patos, minhotos, corvos e de outros muitos animaes. As figuras eram feitas tanto ao natural, que todas pareciam vivas. E todos os vultos destes idolos iam por dó cubertos de peças de seda conforme as côres de cada um; os quaes eram tantos e em tanta quantidade, que segundo o computo dos que o viram, se affirmou que se gastaram mais de cinco mil peças de seda no dó com que esta multidão de diabos ia cuberta. N'outra embarcação muito grande ia o rei de todos estes idolos, a que elles chamam serpe tragadora do concavo fundo da casa do fumo, em figura de uma monstruosissima cobra da grossura de mais de uma pipa, enroscada em nove voltas, que estendidas parece que viriam a ser de comprimento de mais de cem palmos, e com o collo levantado em alto. Dos olhos, da boca e dos peitos desta cobra sabiam grandes espadanhas de fogo artificial, que a faziam tão medonha e tão mal assombrada, que as carnes tremiam de olhar para ella. N'um theatro d'altura, ao parecer, de quasi tres braças, muito dourado e rico, ia um menino muito formoso de quatro até cinco annos de idade, todo cuberto de fio de perolas, e de cadêas e braceletes de rica pedraria, com umas azas e cabelleira de fio de ouro, assim como cá entre nós se pintam os anjos, e com um rico treçado na mão, dando a entender com esta invenção que era anjo do ceu mandado a prender toda aquella multidão de diabos, por não saltarem á alma d'elrei, antes que chegasse ao aposento que na gloria lhe estava aparelhado, por premio das boas obras que neste mundo fizera. Com esta ordem chegaram as embarcações todas á terra, a um pagode que se chamava *Quiay Pontar*, aonde depois que foi enterrada a arca de prata em que iam as cinzas do corpo d'elrei, tirando o menino fóra, se poz fogo a toda aquella multidão de idolos assim como iam nas barcaças, com um tamanho estrondo de gritos, brados, apupos, tiros d'artilheria e espingarderia, tanger de sinos, bacias, cornos, buzios, e com outras muitas maneiras de diferentes dissonancias que faziam tremer as carnes: a qual cerimonia não duraria mais que uma hora sómente; porque como todas estas figuras eram feitas de palha, e nas embarcações ia muita somma de breu e resina para este effeito, fez isto em muito breve espaço levantar um tamanho e tão espantoso fogo que quasi parecia um retrato do inferno, e as embarcações com tudo o que estava nellas ficaram de todo consumidas. Acabado isto com muitas invenções de cousas muito naturaes e custosas, que não escrevo por me parecerem superfluas e desnecessarias, toda esta multidão de gente veio para a cidade, e se recolheu cada um em sua casa, aonde todos estiveram com todas as portas e janellas fechadas, com o que as praças e as ruas ficaram de todo desertas por tempo de dez dias, sem em todos elles apparecer cousa viva, senão sómente a gente pobre que de noite com muitas lamentações pedia sua esmola. Passados os dez dias deste encerramento, as varellas, os pagodes e brallas, que são os seus templos, amanheceram todos ornados de insignias de alegria, com muitos toldos, estandartes, e bandeiras de seda, e com mesas ricas em que havia muitos cheiros. E appareceram por todas as ruas

homens a cavallo vestidos de damasco branco, que ao som d'instrumentos suaves diziam chorando em vozes muito altas: — *Ouvi, ouvi, desconsolados moradores deste reino siamez o que se vos notifica da parte de Deus; e com corações humildes e limpos, louvai todos o seu santo nome, por quão justas são as cousas do seu divino juizo, e sahi alegres de vossos encerramentos cantando louvores da sua bondade, pois lhe approve dar-vos rei novo, temente a elle e amigo dos pobres.* — Apoz este pregão se tocaram muitos instrumentos que homens a cavallo vestidos de setim branco iam tangendo com muito concerto e suavidade, ao qual todos os ouvintes, prostrados com os rostos por terra, e as mãos levantadas como que davam graças a Deus, em vozes muito altas respondiam chorando: — *Procuradores fazemos os anjos do céu, para por nós louvarem o Senhor continuamente.* — E sahindo então das casas com muitos bailes e festas, se iam offerecer ao *Quiay Fanatel* deus dos alegres, com offertas de cheiros suaves, e os mais pobres com galinhas, fructas, e arroz para os sacerdotes comerem. — *Peregrinações de Fernão Mendes Pinto, capitulo CLXXXIV.*

IMITAÇÃO DA TARTARUGA POR MEIO DA GELATINA.

DISSOLVENDO o marfim no acido hydrochlorico fraco [acido muriatico oxygenado] obtem-se uma gelatina que se póde curtir, como as pelles, em uma dissolução de tan. Este meio é preferivel ao de se usar da casca de carvalho em pó. O tannino se precipita da infusão de galhas pelo carbonato de ammoniaco, ou sub-carbonato de potassa. A gelatina quando está curtida é inteiramente insolúvel, e inalteravel com a agua e o ar. A gelatina de ossos não conserva a sua transparencia, mas a que é feita com o marfim a conserva perfeitamente, e se assemelha á bella tartaruga vermelha, principalmente quando está cheia de veios que se lhe fazem com uma fraca solução de nitrato de prata ou de mercurio, ou com a dissolução de ouro no acido nitro-hydrochlorico. A gelatina curtida se amollece como a tartaruga fundida. Podem-se tirar grandes vantagens desta propriedade da gelatina, cuja descuberta se deve a Mr. de Arcet, que mudou em tartaruga varios objectos esculpidos em marfim, conservando-lhes a sua primitiva fórma.

VENCIDO elrei Antiocho por Quinto Fabio, preclaro general dos romanos, em uma batalha naval, em que o principe asiatico empenhára todas as suas forças, entre as condições da paz que ajustaram foi uma que o vencedor seria obrigado a restituir metade dos navios que apresára; mas Fabio, concluida a paz, mandou abrir pelo meio as embarcações inimigas, e disse a Antiocho que tomasse posse da ametade que lhe tocava segundo a convenção.

DIZIA o discreto cordovez, Rufo, que a rasão porque se não restituem de ordinario os livros emprestados é por ser mais facil rete-los que ao contheudo nelles.

Ingratos, que receberam
Muitos bens, que lhe fizeram,
Por não darem galardão,
Nunca dizem o que lhe dão,
Senão o que lhe não deram.

Francisco Lopes. Vida de S. Gonçalo d'Amarante.